

DA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE MEDICINA

Hospital São Luiz Gonzaga, 60 anos de história

* Pedro Luiz Squilacci Leme

*Não gosto da arquitetura nova
Porque a arquitetura nova não faz
casas velhas
Não gosto das casas novas
Porque as casas novas não têm
fantasmas*
Mário Quintana

O Hospital São Luiz Gonzaga, da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, que este ano completa sessenta anos, já contribuiu de maneira significativa para a história dos hospitais de São Paulo, particularmente na época do tratamento hospitalar da tuberculose. Esta contribuição ficou esquecida com o passar dos anos, mas de qualquer forma foi muito importante e merece ser lembrada.

Inaugurado no dia 3 de julho de 1932, no bairro do Jaçanã, próximo à estação do "Tramway" da Cantareira (imortalizado por Adoniran Barbosa na canção "Trem das onze"), o evento foi amplamente divulgado pela imprensa da época.

Usando as antigas instalações de um leprosário, foi inaugurado com a presença do interventor federal, dr. Pedro de Toledo, e vários secretários de governo, do dr. Clemente Ferreira, conceituado médico da época e já no discurso do então diretor clínico dos hospitais da Santa Casa, dr. Synesio Rangel Pestana, notamos que além de se inaugurar um hospital especial, começava a lutar por um belo ideal:

"A Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo, na ansia de melhorar, para bem servir aos enfermos indigentes desta capital, inaugura hoje mais um abrigo para doentes, enriquecendo o seu aparelhamento hospitalar."

"No nosso pequeno e modestíssimo Hospital São Luiz Gonzaga nos propomos a dar agasalho a 100 doentes, 60 do sexo masculino e 40 do feminino, com todo o conforto, prometendo-lhes tratamento científico dedicado e carinhoso acolhimento, para o que estamos perfeitamente aparelhados."

Hoje, passados sessenta anos, após ter tido seu período de glórias e enfrentado o descaço e o esquecimento, a instituição volta a se firmar, agora como hospital geral.

O primeiro corpo clínico era formado por sete médicos e um cirurgião-dentista: chefe de Clínica, dr. Alvaro Lemos Torres, adjuntos, drs. Jairo de Almeida Ramos, João Octavio Nebias e José Ignacio Lobo; cirurgião, dr. João Baptista Montenegro, radiologista, dr. Cassio Martins Villaça, médico interno, dr. Benedito José Fleury de Oliveira; e cirurgião-dentista, dr. Saul Lintz.

Inaugurado dia 3, dia 9 de julho começa a Revolução de São Paulo e o hospital perde quatro médicos (Jairo Ramos, José Lobo, João Montenegro e Cassio Villaça), que vão para as frentes de batalha e só retornam alguns meses depois.

Os relatos iniciais se perdem neste período sofrido da história de São Paulo. Estando longe das frentes de batalha, assim como outros hospitais da Capital, acabou funcionando apenas como hospital de retaguarda, dando abrigo a alguns poucos soldados tuberculosos.

Apesar deste início conturbado, já em 1933, cinco trabalhos científicos são realizados por médicos do Hospital: "A operação de Jacquet e seus Casos pessoais", dr. Decio Queiroz

ca", outras patologias preocupavam os médicos de então:

Patologias associadas nos pacientes internados		
	1933	1934
Syphilis	15,6%	9%
Ancylostomose	25,3%	25%

A primeira alteração importante do corpo clínico acontece em outubro de 1933, quando o cirurgião, dr. João Baptista Montenegro, permuta com o dr. Alípio Corrêa Netto, que era o cirurgião do Sanatório Vicentina Aranha de São José dos Campos.

Já em 1934, o dr. Lemos Torres solicita um auxiliar para o dr. Alípio, que trabalhava sozinho e nas cirurgias maiores era auxiliado por um ci-

30 de maio de 1939 nele foi realizado o Primeiro Congresso Nacional de Tuberculose; em 1943 foram inaugurados duzentos leitos em dois novos pavilhões, em 1947 começou a ser solicitada a abertura de verba especial para aquisição de estreptomina, um medicamento de "extraordinária ação nos casos de doentes operados..."; em 1949 é inaugurado um grande pavilhão infantil, com um andar destinado às crianças portadoras de tuberculose óssea e outro destinado às portadoras de tuberculose pulmonar.

A década de 50 iniciou com grandes progressos e acompanhou o apogeu e o declínio do Hospital como sanatório. O ano de 1953 foi um marco do período. Neste ano criou-se o serviço de Cirurgia Torácica Experimental, tendo os doutores E. J. Zerbini e Costabile Gallucci grande destaque na época. A broncoscopia passou a ser usada sistematicamente nos candidatos às ressecções pulmonares e à aspiração brônquica para as atelectasias no pós-operatório. O gotejamento contínuo de novocaína a 4% durante as ressecções pulmonares melhorou o prognóstico cirúrgico dos pacientes, funcionando como antiarrítmico.

Neste ano começa a se firmar o uso, sempre que possível, das ressecções pulmonares em substituição à colapsoterapia clássica. Finalmente inicia-se o uso da estreptomina, do P.A.S. e da hidrazida, drogas que modificaram definitivamente o tratamento da tuberculose. Uma estatística de 1954, apenas um ano após essas inovações, é definitiva, mostrando que os dias do Hospital como sanatório estão contados:

Ano	Relação entre altas e óbitos	
	Porcentagem de altas com BK negativo	Porcentagem de óbitos BK negativo
1935	60%	6,1%
1945	52,6%	12,4%
1954	13%	54,1%

A década seguinte acompanha uma diminuição progressiva do número de pacientes, que passaram a ser tratados ambulatorialmente. Em 1968, por proposta de seu diretor clínico, dr. Benedito José Fleury de Oliveira, é transformado em hospital geral, sendo os últimos tuberculosos crônicos transferidos para o sanatório Vicentina Aranha, em São José dos Campos.

Na década de 70, o Hospital teve um período de grande atividade como hospital geral, porém, em dezembro de 1979, devido à grave crise econômica enfrentada pela Irmandade da Santa Casa, ele foi desativado.

Embora não tenha sido fechado definitivamente, a década de 80 foi muito triste para o Hospital, que se-

viu de abrigo a alguns doentes crônicos (como hospital de retaguarda) e em uma de suas alas funciona até hoje um Pronto-Socorro da Prefeitura de São Paulo, porém apenas usando suas instalações, mas sem qualquer vínculo administrativo com a Santa Casa de São Paulo.

Apesar do esforço de poucos funcionários e da diretoria, seus pavilhões foram gradativamente se transformando em ruínas pela ação do tempo e pela falta de cuidados.

Em 1988 inicia-se uma reativação incipiente, quando as equipes de cirurgia e ginecologia começam a trabalhar com grande determinação e o velho hospital passa a recuperar suas forças. Em 1990, apesar de grandes dificuldades, é iniciada a reforma do prédio e a abertura de cem leitos. Neste ano é publicado o primeiro trabalho científico realizado nesta nova fase.

Em 1991, os médicos residentes de Cirurgia Geral, Clínica Médica, Ginecologia e Pediatria da Santa Casa de São Paulo voltam a estagiar no Hospital, fato que consideramos o marco final da reativação e o início de um novo período, que ainda vai exigir muitas lutas.

Atualmente, como todas as instituições filantrópicas, o Hospital São Luiz Gonzaga enfrenta dificuldades que o impedem de um desenvolvimento mais rápido. A equipe médica, a aparelhagem e os serviços auxiliares necessitam de cuidados urgentes.

As reformas contudo continuam, mas para nossa tristeza, muito do verde que cercava os pavilhões foi sacrificado e infelizmente não podemos repetir hoje a frase do vicemordomo do Hospital em 1951, João Augusto do Amaral:

"... em 1949, compravam-se flores para a ornamentação da Capela, dos funerais etc. Em 1951, pode-se verificar o Hospital completamente rodeado de flores, dando a linda impressão de um vasto bouquet, o que foi muito apreciado..."

Esperamos que as promessas de plantio de novas árvores e flores sejam cumpridas. Finalizando, é muito difícil escrever estes apontamentos sem omitir nomes que com certeza foram muito importantes para o Hospital, mas a citação de todos fugiria da proposta inicial do artigo e ainda assim não seria justa com os humildes funcionários, que não são citados em livros, mas que particularmente, na última década, acreditaram e pacientemente esperaram, mantendo viva a última chama do Hospital, sem a qual a reativação não seria possível.

* Pedro Luiz Squilacci Leme é pós-graduando (nível de mestrado) do Departamento de Cirurgia da Santa Casa de São Paulo e cirurgião no Hospital São Luiz Gonzaga desde 1988.



A inauguração do Hospital no dia 3 de julho de 1932. De pé, Synesio Rangel Pestana, diretor clínico dos hospitais da Santa Casa

Telles, "As modernas theories sobre a função do diaphragma em face da phrenicectomia", dr. Fleury de Oliveira; "A influencia dos diferentes decubitos na posição do diaphragma nos phrenicectomizados", drs. Decio Queiroz Telles e Fleury de Oliveira; "Estudo anatomo-radiológico da crossa da veia azygos (posição normal e anomalias de posição)", dr. João Grieco, tese de doutoramento; e "Contribuição ao estudo do Infiltrado precoce", dr. Luiz Bechelli, tese de doutoramento.

Aqui notamos que a abordagem do nervo frênico era uma das poucas opções cirúrgicas da época (além do pneumotórax terapêutico). Esta tendência seria substituída gradativamente pelas cirurgias de colapso do pulmão na década de 40 e pelas cirurgias de resecção pulmonar na década de 50.

Além da tuberculose, sempre febril na época como a "peste bran-

rurgião voluntário, o dr. Eduardo Etzel (um dos pioneiros no uso da esfinterotomia interna para tratamento do megacólon em nosso meio).

Em 1937, outro nome relevante surge na história do Hospital, o dr. Euriclydes de Jesus Zerbini, que como adjunto voluntário, só sendo efetivado em 1940.

Passados dez anos, o Hospital havia crescido e já dispunha de quinze médicos e do mesmo cirurgião-dentista. Em 1942, o chefe de Clínica era o dr. Jairo Ramos, que substituiu o dr. Lemos Torres, falecido em 1941. A equipe de cirurgia era composta pelos doutores Alípio Corrêa Netto (que trabalhou por quinze anos) e E. J. Zerbini (que trabalhou por dezessete anos) no Hospital São Luiz Gonzaga.

O final dos anos 30 e a década de 40 acompanharam um período de grande crescimento do Hospital, em

Os sessenta anos

* Dullio Crispim Farina

A epopéia de Piratininga pela constituição do Brasil envolveu no seu turbilhão, da noite para o dia, todo o território paulista. Naquele movimento oceânico de dignidade coletiva misturaram-se os voluntários, os soldados do Exército e da Polícia, e logo às primeiras horas seus cordões se estendiam pelas frentes de combate e o estado se transformou, uno pelo mesmo ideal, em múltiplas células de civismo e trabalho.

E é então que "quando se sente bater no peito heróica pancada deixa-se a folha dobrada, enquanto se vai morrer". Estudantes de nossa escola arregimentaram-se e, em primeiro exemplo, o presidente do Centro de 1932, Raul de Almeida Braga, passou três meses de sua gestão nas trincheiras e, com ele, foram mestres e alunos na afirmação mais ampla das tradições democráticas de nossa escola, por elas souberam lutar e morrer, porfiando em mil peles e dando lenitivo ao sofrimento dos caídos no campo de honra.

Trens sanitários congregam mestres, assistentes da escola, e alunos: Pola ley e pola grey, e o sangue sacrossanto de José Greff Borba ficou como marco do sonho e da vitória de um ideal. Gil Spilborghs fixou o companheiro tombado: "Entre os colegas vem-me à lembrança o Borba, José, Greff Borba, alto, ombros largos, de remador, olhos pequeninos atrás de lentes grossas que veio encontrar a morte na Escola Politécnica, trabalhando numa granada."

Nos jardins de nossa escola, no ponto de encontro da avenida dr. Arnaldo com Teodoro Sampaio uma herma relembra para todo o sempre os feitos de mestres e alunos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo. Flores cobrem em todo dia 9 de julho o mármore que perpetua um instante de sonho e de civismo.

Cantêmo-los com Guilherme de Almeida:

Marcha, Soldado Paulista,
marca o teu passo na História!
Deixa na terra uma pista
deixa um rastilho de glória
E o "poema de nosso orgulho
que vai de nove de julho a vinte e oito de setembro" tinha uma bandeira:

"Bandeira que é o nosso espelho,
bandeira que é a nossa pista,
Que traz, no topo vermelho, o
coração do Paulista!"

O coração de José Greff Borba!...

...

Ser paulista é ser grande no passado!

E ainda maior nas glórias do presente!

É ser a imagem do Brasil sonhado,

E, ao mesmo tempo, do Brasil nascente!

Ser paulista é morrer sacrificado
Por nossa Terra e pela nossa gente!

E ter dó da fraqueza do soldado,
Tendo horror à filauca do tenente.

Martins Fontes

Retalhos de 1932

Ernesto de Souza Campos, então com 50 anos de idade, pela idade, é impedido de ir combater nas linhas de frente, cumprir com o que julga ser seu dever. Instala na rua 24 de Maio, 6, em prédio de seus familiares, um centro médico, para atendimento de voluntários e de seus familiares. Examinam os soldados que logo mais irão para as frentes de luta, Vila Queimada, Capão Bonito, Itararé. Médicos paulistanos contribuem em plantões para o atendimento das famílias dos combatentes e para a população desvalida.

Madrugada a dentro em seus carros atendem em bairros silenciosos e distantes os filhos e esposas dos que arriscam suas vidas lá na frente de batalha.

...

23 de julho. Ao experimentar a eficiência de um novo morteiro, nos subúrbios da Capital, morrem desastrosamente, vítimas de arrebentamento antecipado do projétil, o coronel Marcondes Salgado, comandante da Força Pública, e o inventor do morteiro, capitão José Marcelino. Horas mais tarde, no Gabinete Médico Legal da Escola do Araújo, o mestre Sergio Meira pede ao seu assistente Antonio Rodrigues Bahia que suture as bordas do extenso ferimento, localizado no pescoço, e que vinha de acarretar a morte do bravo comandante Salgado. A sutura post-mortem foi realizada, sob profundo e comovido respeito. Intensa emoção envolvia os circunstantes.

...

Galeno de Revoredo, na cúpula das mobilizações para o serviço médico, atende às necessidades de cirurgiões. Antonio Bahia, assistente da cadeira de Técnica Cirúrgica, e seu irmão Alfredo partem para a frente do Paranapanema.

De início Piraju. Lá instalam, na Santa Casa local, seu Posto Médico. Numerosos feridos recebem atendimento presto. Trabalha-se em ritmo intenso e ininterrupto; dias e dias de porfia e labuta. Muito o entusiasmo. Excelente o moral cívico, mas precárias as condições de subsistência. Ausência de medicamentos, fios para sutura e até de víveres. Escasseia a munição. Trabalha-se e luta-se apesar das dificuldades. Chega o médico Argolo Ferrão, ferido, da frente de luta.

Nos meados de agosto retrocedem para Avaré e mais tarde para Botucatu. Opera-se, dá-se assistência até os derradeiros momentos. São Paulo caíra de pé, e os assistentes da Faculdade tinham cumprido com o seu dever.

...

No setor Norte, o Hospital de Sangue de Cruzeiro era chefiado pelo prof. Alípio Corrêa Neto e teve a

colaboração dedicada de Eduardo Etzel e Francisco Cerruti. Em trabalho publicado nos Anais da Faculdade de Medicina de São Paulo, e assinado pelo prof. Alípio e seus assistentes, encontra-se precioso relato do que foi a atuação dos médicos do Hospital de Cruzeiro. Neste setor as atividades bélicas foram muito mais intensas do que nos demais setores, destacando-se a zona do Túnel, lendária pelos renhidos combates nela travados.

...

Eleutério Heróismo, abnegação e desprendimento. A coluna Romão Gomes fez com que São Paulo se orgulhasse de seus combatentes. E dentre eles avulta a figura de Dorival Cardoso, filho da Casa de Arnaldo, ferido em combate por uma bala que vai se alojar em sua coxa...

...

Por iniciativa do prof. Manginelli, e em nome de uma sociedade científica de médicos italianos, foram recolhidos os fundos necessários para a organização de uma unidade cirúrgica, nos moldes das que, com tanta eficiência, funcionaram na primeira guerra mundial, recolhendo os feridos nos campos de batalha e prestando-lhes os primeiros socorros, os mais urgentes.

Assim constituiu-se a "unidade cirúrgica Itália". Compunha-se de seis caminhões dotados para servirem de ambulância e recebeu da colônia italiana material necessário para servir de base a um hospital de sangue.

A direção dessa unidade, que operou no setor sul, desde o dia 25 de julho até o fim da revolução, foi confiada ao prof. Montenegro.

Pedro de Toledo, governador dos paulistas, oficializou-a e integrou-a no Exército Constitucionalista, com honras e graus militares para os seus componentes. Integram-na os Drs. João de Lorenzo, Piragibe Nogueira, Reinaldo Figueiredo, Eurico Bastos e os acadêmicos Piero Manginelli, Angelo Mazza e Eugenio Mauro.

Labutaram no setor Itapetininga-Apiá, passando por Gramadinho, Capão Bonito, Guapiara, Rio das Almas, Rio Paranapanema e adjacências, sendo que a Unidade Cirúrgica se instalou no prédio do Grupo Escolar de Capão Bonito. As ambulâncias foram colocadas tão próximas ao campo de trabalho quanto a segurança o permitia, para recolher os feridos e transportá-los para os postos avançados de primeiros socorros ou diretamente para o Hospital de Sangue, conforme a gravidade dos ferimentos ou, ainda, através deste para o Hospital da Retaguarda, na Capital quando não havia os recursos adequados para a execução de determinados tratamentos e operações.

As ambulâncias faziam também incursões em localidades onde as tropas estavam em relativa calma, levando aos seus componentes víveres e agasalhos, geralmente antes do

início da batalha. Nas localidades de Fundão, Rio das Almas, Taquaral, Abaixo, Serraria, Cerrado, Capela de São Roque, Capela dos Ferreiros, São Miguel Arcanjo, Guapiara, Gramadinho, Capão Bonito e Itapetininga — recorda o professor Benedito Montenegro, "presenciamos visões aterradoras das cenas de combate com o rugir dos canhões, o estourar das granadas, o matraquear das metralhadoras, o silvo das balas de fuzil, o estrondo das bombas dos aviões, tudo confundido numa ação destruidora, infernal, resultando no esfacelamento de parte do



Minha Praça da República, de 23 de maio, gritando com São Paulo, clamando com São Paulo, teus plátanos sangraram varados de metralha como homens do povo!

Pedro de Oliveira Ribeiro Neto

que São Paulo possuía de mais precioso para a garantia do seu futuro e da sua sobrevivência e sua mocidade".

...

Raul de Almeida Braga

Lendário e esplêndido presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, em 1932, ano da epopéia constitucionalista.

Passou três meses de sua gestão nas trincheiras. Alistou-se no Batalhão "Caçadores de Piratininga". Ao seu lado marcharam moços de São Paulo, como os irmãos Alfredo, Cesar e Rogério Giorgi, Cid Navajas, Herminio Camargo Xavier, o "Formiguinha". Tinha este apelido por ser irmão de Afrodísio Camargo Xavier, o futebolista "Formiga", campeão do então Corinthians Paulista.

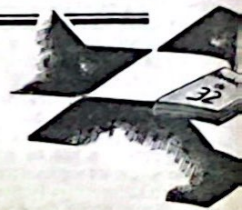
Ocuparam posições nas Estações Eugênio Lafèvre, em São Bento do Sapucaí, nos contrafortes da Mantiqueira, e foram os últimos a sair de Pindamonhangaba, com o Trem Blindado.

Raul Braga deixou seu nome ligado à construção da piscina no Estádio do CAOC. Esta, segundo seu próprio depoimento, "foi idealizada por Nairo Trench, iniciada por Carlos Costa e terminada por ele, Raul Braga".

Sua gestão foi marcada por grande brilho. Figura de destaque social, mobilizou relações e amigos, obtendo seu apoio em prol das realizações do Centro.

Em 1932, no teatro República, Raul Braga promoveu jogos de Hoquei, com reversão de sua renda para as obras beneficentes da escola e do centro.

Moças da alta sociedade se prontificaram a disputar uma partida do esporte sobre patins, na preliminar da noite, que se revestiu de grande brilho.



Todo o mundo da alta roda paulista cercava as realizações de Raul. O esporte foi contudo sua menina dos olhos. Eram anos de profundo interesse para com os desportos. Pontificavam no futebol Jarbas Barbosa de Barros e Odair Pedroso, excelentes zagueiros. Nada deixavam passar, nem a bola nem os adversários.

Os tenistas distinguiram as cores verde-brancas da escola. Paulo da Silva Gordo, Silvio Boock (este campeão paulista), Edgard Pinto de Souza, Décio Pedroso, Raul Braga, Pedro Paulo Correa eram os "reis do esporte do país".

Nessa época destacavam-se como mentores do CAOC, nos vários departamentos, os moços Roxo Nobre, Odair e Décio Pedroso, Miguel Scavone, Antonio de Campos Moreira.

Raul de Almeida Braga nasceu em Portugal. Seu progenitor, abastado e distinto membro do alto comércio paulista, proprietário da Casa da Época, tinha, já pai de alguns rebentos, o sonho de ter um filho nascido em sua terra natal. E por isso sua mãe viajou para que o nosso Raul despertasse para o mundo "no jardim à beira-mar plantado".

Foi em seu tempo, em 1932, que os estudantes fizeram sua primeira greve, paralisando as aulas até serem aceitas suas pretensões, aliás, lídidas. Mas o diretor da escola, surpreso pelo movimento de rebeldia, exigiu de Raul "faça parar a greve ou você será expulso da escola, por ser estrangeiro". Ele não se intimi-

a Revolução de 32

de primeiros socorros eram medicados os casos clínicos e realizadas pequenas intervenções, compatíveis com os recursos de que se dispunham no momento."

"Infelizmente esses recursos eram escassos, de modo que a maior soma de trabalho recaía sobre o Hospital de Sangue. Por esse Hospital, ou seja, no caso, pelo edifício do Grupo Escolar de Capão Bonito, transformado em hospital, passaram cerca de mil e quinhentos componentes entre feridos leves e graves, e doentes de moléstias não-cirúrgicas, todas registradas em fichas especiais para esse fim organizadas. Apesar das dificuldades com que tivemos de lutar, em grande parte oriundas da falta de material adequado, podemos considerar os resultados obtidos como altamente satisfatórios."

"Os casos de morte foram inevitáveis e tiveram seu desfecho nas trincheiras, antes de poderem ser socorridos, com exceção de dois: o de Aloisio de Camargo, ajudante de ordens do Coronel Arlindo de Oliveira, irmão do dr. Laudo de Camargo, ferido por estilhaço de granada que lhe atravessou o braço direito, penetrando no tórax e alojando-se no pulmão."

"Não possuindo o hospital raios x para poder localizar o corpo estranho, foi o ferido enviado imediatamente para a capital, onde foi operado incóntinente pelo dr. Luís do Rego, que constatou gangrena do pulmão, conseguindo retirar o estilhaço de granada, mas não podendo o paciente resistir ao choque operatório. É bom que se esclareça que naquela época nossos conhecimentos sobre a fisiopatologia do choque eram rudimentares e, como consequência, os meios de combate-lo eram bastante precários."

"Não nos utilizávamos, como acontece agora, das transfusões de sangue e das injeções endovenosas de plasma, em larga escala, por conseguinte, não havia nos hospitais estoques desses valiosíssimos elementos de combate ao choque, desconheciam-se os bancos de sangue e não existiam os doadores profissionais, verdadeiros beneméritos da humanidade, mesmo considerando que recebiam paga satisfatória pelo sangue que cedem. Todavia a utilidade das transfusões de sangue no combate ao choque e no tratamento das doenças produtoras de anemia já eram conhecidas, mas seu emprego revestiu-se de uma certa timidez porque a classificação do sangue dos doadores e dos receptores era defeituosa, resultando, não raras vezes, reações violentas por incompatibilidade sanguínea."

"Por exemplo, não se conhecia e não se falava nesse elemento tão importante que é o Rh e nem de outros elementos cuja natureza e ação estão bem estudadas e que vieram, pelo seu conhecimento, aclarar um certo número de pontos obscuros, referentes aos problemas das transfusões. Ainda assim felizes foram as unidades cirúrgicas que puderam contar com um laboratório adequado dirigido por pessoal competente, porque, para nós, tudo foi negado

pelas autoridades oficiais, sob o pretexto, possivelmente verdadeiro, de que não havia em estoque e nem na praça o material requisitado."

"O outro ferido que não faleceu na trincheira foi o tenente José Maria de Azevedo. Este expirou ao dar entrada no hospital antes que qualquer auxílio lhe pudesse ser prestado, em consequência de grave hemorragia intensa provocada pela penetração de uma bala de fuzil na região epigástrica, com lesão de algum vaso sanguíneo importante porque o ferido não chegou a ser operado e não foi autopsiado. Os demais que perderam a vida em combate, no setor sul, não poderiam ser salvos, mesmo se existissem os recursos de que hoje dispomos, dada a extrema gravidade dos seus ferimentos."

"Assim foi com Lauro de Barros Penteado, com Clíneo Braga Magalhães, com Cesar Pena Ramos e com Rubens Fraga de Toledo Arruda, trucidados dentro das próprias trincheiras ou nas suas imediações pelas armas poderosas da ditadura."

"Notai, senhores, que estou citando nomes. Penso não infringir as regras da boa ética médica, assim procedendo. Este trabalho é um repositório de fatos e de nomes que visam registrar verdades históricas. Fio propositadamente, não só porque corresponde à verdade, mas também porque a simples citação dos nomes desses heróis ressoa nos nossos ouvidos como um clamor contra a ferocidade das hostes da ditadura, que muitas vezes superior às nossas forças, em armamento, munições e número de combatentes, bem que poderiam ser mais humanas com seus patrícios, poupando-lhes as vidas preciosas, pois certamente sabiam contra quem estavam lutando. É meu intento ao citar-lhes os nomes prestar uma modesta mas comovida homenagem a esses bravos que tombaram heroicamente no campo de batalha, lutando pelos ideais de São Paulo". (Benedito Montenegro)

Que fiquem nas memórias da Faculdade de Medicina os nomes dos heróicos moços tombados no campo de glória ao lado dos mestres e alunos da Casa de Arnaldo. Que se inteirem de seus nomes as gerações e que não deslustrem seus ideais.

O prof. Alípio Corrêa Neto e o Hospital do Sangue de Cruzeiro em 1932

"Logo depois de irrompido em São Paulo o movimento armado em prol da constitucionalização do País, manifestou-se a necessidade de organização de um hospital de sangue, em Cruzeiro, para atender a uma linha de combate relativamente extensa, que, em forma de semicírculo, se dispunha em relação àquela localidade da zona norte do estado de São Paulo no vale do Paraíba."

"Tendo-nos apresentado ao Serviço Sanitário para prestar serviços médicos numa das linhas de frente, fomos incóntinente enviados para Cruzeiro. Lá chegamos a 16 de julho de 1932 e iniciamos imediatamente os nossos serviços cirúrgicos,

depois de dispormos da Santa Casa local para tal mister. Estas primeiras providências se tomaram com relativa facilidade, pois o H.S. se localizava em hospital, já em funcionamento, dispo de material cirúrgico, roupas e alguns empregados afeitos a este gênero de trabalho."

"O hospital era constituído de duas enfermarias maiores e 5 menores, reunindo o total de 65 leitos. De princípio aí recebíamos os feridos, os portadores de afecções pertencentes ao campo da clínica médica e das diversas especialidades; mas os casos de cirurgia ocupavam cerca de dois terços de leitos. Em meados de agosto criaram-se dois hospitais de clínica médica, sob a orientação do dr. Jairo Ramos, o que redundou na ampliação das nossas instalações agora exclusivamente dedicadas ao serviço cirúrgico."

"Aproveitando a disposição própria do prédio, organizamos duas grandes enfermarias para pequenos feridos e traumatizados leves, uma menor para operados graves (geralmente de abdome), um quarto com dois leitos ficou reservado para os feridos em estado de coma e para os moribundos; outra enfermaria recolhia os sargentos (7 leitos), dois quartos espaçosos, com capacidade para quatro camas cada um, foram reservados aos oficiais. Tal modo de proceder satisfazia os princípios da hierarquia militar e casava com a boa disposição hospitalar o quanto era possível em serviço de urgência e movimentado como foi."

"Podemos imediatamente, apenas chegados, imprimir esta orientação aos trabalhos, porque no período pré-revolucionário, na hipótese de uma solução bélica para a situação nacional já havíamos amadurecido um plano de organização que trouxesse aos nossos feridos o máximo de garantia. Na ocasião, só nos foi necessária a adaptação do local."

Com estas palavras Alípio Corrêa Neto relata ter tido conhecimento de um movimento, que poderia resultar em revolução, pois até já havia amadurecido um plano de organização médica, caso a revolução viesse a se efetivar, o que realmente aconteceu.

Alípio continua: "O serviço de identificação e registro dos hospitalizados foi feito pelos acadêmicos José Ramos Júnior e Waldomiro May, tendo ocorrido perfeitamente bem, apesar do acúmulo extraordinário de trabalhos."

"Para as intervenções cirúrgicas dispúnhamos de duas salas modestas, mas que nos permitiam várias intervenções de alta cirurgia. Ao lado deste serviço de doentes internados, foi criado um ambulatório a fim de se atender a pequenos curativos de militares aquartelados ou em trânsito pela cidade. O material cirúrgico foi aumentado e melhorado com as remessas do Serviço Sanitário de São Paulo e não nos faltaram nunca, medicamentos que recebíamos quanto necessários, à primeira solicitação. O ambulatório de cirurgia ficou entregue ao dr. Mário Pinto, clínico local, tendo como auxiliar o acadêmico Gabriel Botelho."

"Serviram de enfermeiros os acadêmicos Dirceu Araujo, Darcy Xavier, Jocelin Bastos e Nelo Guimarães. Não lhes cabia apenas o serviço de enfermaria. Auxiliavam além disso, as operações e cuidavam da anatomia conforme as necessidades do momento. Trabalhavam em grupo de dois durante 24 horas, repousando em período igual de tempo conseqüente. Durante o dia todos os médicos estavam a postos quando não entravam noite a dentro, nos dias mais azafamados, na faina ininterrupta de cuidar dos feridos. Um de nós, pernoitava no hospital, o plantão é absolutamente necessário, num hospital de sangue."

"Utilizamo-nos frequentemente, pelo que somos mais uma vez muito gratos, dos esclarecimentos do dr. Jairo Ramos, assistido pelos drs. Ubaldino Antunes e Pedro de Alcântara e pelos acadêmicos João Grieco e Haroldo Toledo, da secção de Clínica Oftalmológica que tinha como médicos os distintos especialistas campineiros drs. Leck Júnior, Paulo Adriani e Moacir Cunha, da de Otorrinolaringologia pelo dr. Gabriel Porto, e do dr. Marcos Lindenberg que resolvia as questões de laboratório."

"Diretamente ligado aos Serviços de cirurgia estava ainda o gabinete radiológico, montado com aparelhos particulares do dr. Cassio Vilaça e por ele mesmo dirigido com a proficiência de que era capaz."

"A farmácia foi primitivamente dirigida pelo farmacêutico do Serviço Sanitário sr. José Moretzsohn, depois pelo sr. Alfredo Fraquer e prestou enorme concurso com o seu infatigável trabalho, pois não só atendia as necessidades hospitalares como correspondia eficientemente a todas as solicitações provenientes das primeiras linhas, submetendo os farmacêuticos a um esforço só compatível com a abnegação dos que lidam pelas grandes causas."

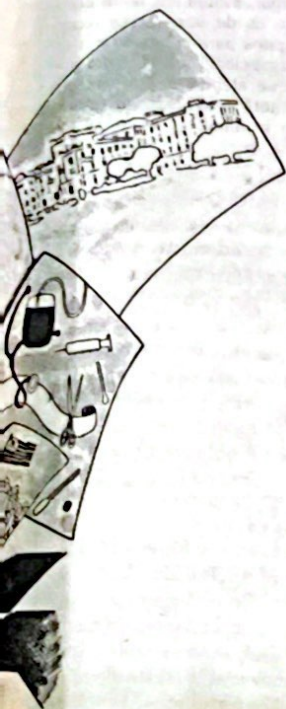
"Como já dissemos, o material farmacêutico era em abundância e satisfazia plenamente as necessidades mormente no que concernia ao serviço cirúrgico. Os soros artificiais, os soros curativos, os medicamentos injetáveis de que precisávamos diariamente em larga quantidade, graças às contínuas e prontas remessas feitas pelo Serviço Sanitário." (Alípio Corrêa Neto)

Nos setores Leste e Oeste, em todos os quadrantes de nosso território, os membros da Faculdade de Medicina afirmaram a mesma decisão e repetiram os mesmos desígnios de todos os paulistas, pois

*Ser Paulista! em braço e pergamino
É ser traído e pelear sozinho
É ser vencido, mas cair de pé!*

Os versos de Martins Fontes exprimem bem a epopéia de nossos mestres e colegas na jornada cívica de 1932.

* Dúlio Crispim Farina é presidente da Academia Paulista de História e membro da Academia Paulista de Letras.



do, teve o apoio dos colegas que o respeitavam e o viam como seu líder natural, e acabou tendo a compreensão do mestre e diretor.

No cinquentenário da Faculdade de Medicina de S. Paulo, no banquete que reuniu todos os professores e médicos formados pela Casa de Arnaldo, ao ser citado pelo autor destas notas, orador em nome dos ex-presidentes do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, Raul Braga foi aclamado de pé por todos presentes, pois, para todo o sempre, tornou-se o símbolo das afirmações democráticas da escola. Presidente de 1932, democrata e soldado, entrou nas memórias da Casa de Arnaldo como a expressão de sua geração que, "quando sentiu bater no peito heróica pancada, deixou a folha dobrada, enquanto ia morrer".

E morreram pelos ideais de São Paulo e da Faculdade de Medicina os estudantes José Greff Borba e Otávio Seppi. Glória a suas memórias nas tradições da Faculdade de Arnaldo Vieira de Carvalho.

O professor Benedito Montenegro, em memórias preciosas, deixou nos relatos da atuação médica na frente sul do estado.

Descreveu as circunstâncias e as possibilidades dos serviços médicos na contingência:

"Na ambulância já algum curativo podia ser feito, como, por exemplo, a limpeza sumária de uma ferida, com retirada de corpos estranhos, facilmente acessíveis ou a laqueadura de um vaso sanguíneo superficial cuja hemorragia pudesse pôr a vida do paciente em perigo. Nos postos

Francisco de Abreu, médico e tradutor da "Divina Comédia"

* Odilon Nogueira de Matos

Mais de cinquenta anos não me fizeram esquecer uma aula de Artur Mota na antiga Faculdade Paulista de Letras e Filosofia, simpática iniciativa surgida em São Paulo em 1931, a cuja frente se encontravam figuras expressivas da intelectualidade de nossa terra: Antônio Piccarolo, Alcântara Machado, Otoniel Mota, Alberto Seabra, Alfredo Ellis Júnior, Francisco Isoldi, Yan de Almeida Prado, Marques da Cruz, Ricardo Severo e o já citado Artur Mota. Nenhum mais sobrevive dessa brilhante plêiade. O último a nos deixar foi Yan de Almeida Prado, falecido há uns quatro ou cinco anos, com quase noventa "janeiros".

Artur Mota era engenheiro, dirigia na ocasião a Repartição de Águas da Capital, mas era como professor de Literatura que pontificava naquela Faculdade, precursora, por vários anos, da Faculdade de Filosofia, oficial, que veio a ser criada com a fundação da Universidade de São Paulo. Diante desta, a modesta entidade que funcionava à noite no edifício da Escola Normal da praça da República, per-

deu sua razão de ser e acabou encerrando as atividades. Tive oportunidade de frequentá-la em seu último ano de funcionamento.

Artur Mota era autor de uma importante "História da Literatura Brasileira", em dois volumes, tendo deixado inéditos outros dois, que só vieram a ser publicados pela Academia Paulista de Letras mais de quarenta anos após o seu falecimento, que ocorreu em 1936.

Na aula a que, de início, me referi, Artur Mota tratava da "Divina Comédia" e externou os mais louváveis conceitos sobre a tradução do imortal poema feita pelo barão da Vila da Barra. De tal modo, que despertou-me interesse em conhecer alguma coisa sobre Francisco Bonifácio de Abreu, nascido a 23 de novembro de 1819, na localidade de que tomou o título - a Vila da Barra, hoje apenas Barra - às margens do trecho baiano do Rio São Francisco. E ao percorrer, anos depois, o vale do São Francisco e passar pela velha Barra, paupérrima e quase em vias de desaparecimento, não foi sem emoção que me lembrei de que ali nascera quem ligou

seu nome a uma das maiores criações do gênio humano, qual o imortal poema de Dante Alighieri.

Francisco Bonifácio de Abreu formou-se em Medicina e como médico participou da Guerra do Paraguai. Posteriormente, veio a ser professor de Química Orgânica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e médico da Casa Imperial. Ingressando na política, foi deputado em várias legislaturas e presidiu as províncias do Pará (1872-1873) e Minas Gerais (1876-1877). No Rio de Janeiro faleceu a 30 de julho de 1887.

Dedicou-se à literatura, publicando os romances "Tersina" (1848) e "Palmira ou a ceguinha brasileira" (1849). Escreveu, ainda, "Moema e Paraguaçu", libreto de uma ópera em três atos, vertido para o italiano por Ernesto Ferreira França e musicado por um certo Sangiorgio, compositor italiano (1860). Isto, além de teses e dissertações apresentadas à Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro (1845 e 1852), de uma memória histórica da referida Faculdade (1864), de uma tese de concurso para a

cadeira de Geografia do Liceu da Bahia e de relatórios administrativos referentes às províncias que presidiu.

Possuiu diversas distinções honoríficas: coronel honorário do Exército, conselheiro do Império, oficial da Ordem da Rosa, comendador da Ordem de Cristo, além do título nobiliárquico de barão (com grandeza) da Vila da Barra.

Lycurgo de Castro Santos Filho, que dele cuidou em sua monumental "História da Medicina Brasileira", considera "mediocre" toda a sua produção literária. O ilustre historiador da Medicina bem poderia ter aberto uma exceção para a tradução do "Divina Comédia" (que é o que o torna lembrado hoje), que o tradutor não chegou a ver publicada, pois só apareceu no ano seguinte ao de seu falecimento. Tradução esmerada, clara, de leitura agradável ainda hoje, depois de um século. Sem a grandiloquência quase insuportável de Xavier Pinheiro ou o rebucamento do monsenhor Pinto de Campos (juízes de Artur Mota).

* Odilon Nogueira de Matos é membro das Academias Paulistas de Letras e de História.

Academias de Medicina e o despertar de forças latentes

* Irany Novah Moraes

A Federação Brasileira das Academias de Medicina (FBAM), em assembléia geral realizada em Belo Horizonte, a 15 de maio último, elegeu-me, por unanimidade de votos, presidente para suceder Francisco Alves dos Reis (MG). Nesta condição, estatutariamente cabe-me organizar o V Conclave da FBAM. Dirijo-me aos senhores presidentes das Academias filiadas para pedir que reproduzam essa missiva e a encaminhem a todos os seus membros para refletirem sobre os itens aqui articulados.

1 - Espaço das Academias de Medicina: maturidade é o denominador comum do integrante das Academias. A ninguém é mais exigida visão holística dos problemas do que ao experiente. Diante deste fato, cabe a esse médico analisar e equacionar as questões gerais de saúde, sejam elas de caráter regional ou nacional. Há problemas que, não sendo afetos às Sociedades Médicas Especializadas, estão sendo esquecidos e, quando são examinados, não o são pelo prisma do mé-

dico. Assim, parece um espaço que pertence às Academias e cabe a elas ocupá-lo.

2 - Características do médico: é notório no médico o espírito público e a solidariedade humana. Ele trabalha de dia, de noite, a qualquer hora. Chega a achar natural trabalhar todos os domingos ou todas as noites de sábado, durante longos anos. Depois de um dia de trabalho intenso, levanta de madrugada para atender um paciente. Interrompe uma refeição para operar. É assim seu estilo de vida. É tão espontâneo que seus próprios familiares chegam a achar tudo muito natural. Ele é educado, desde os bancos da Faculdade, a proceder dessa maneira, mas a raiz é mais forte. Acredito que ele tenha sido levado a procurar a profissão porque, desde jovem, já possuía essa compreensão da vida. Esse fato talvez seja o que se costuma chamar de "vocação".

3 - Sacerdócio do médico: historicamente convém lembrar, que desde a implantação das Santas Casas no Brasil, os médicos já trabalhavam gratuitamente. A comunidade contribuía com os bens mate-

riais, e o médico com seus serviços profissionais. Assim, funcionavam aqueles hospitais que, durante longos anos, foram o estio da assistência à saúde do País. As condições se alteraram. A Providência assumiu o encargo de prestar assistência ao cidadão. O médico passou a receber pelo seu trabalho. Mudou-se a posição perante o problema. O alegado sacerdócio do médico dava a impressão equívoca de que ele deveria trabalhar de graça. Trata-se de interpretação errônea, pois a característica do sacerdócio não é a gratuidade, mas sim a dedicação dedicada ao trabalho.

4 - Saúde do País: é precária a situação atual. Pode-se dizer que "a saúde está doente". Algo precisa ser feito por todos: governo - comunidade - indivíduo. Não se pode esquecer que, "em questão de saúde, quem não é solução faz parte do problema". Não há posição intermediária. Quem se coloca contemplativo ou alheio às questões de saúde que afligem à comunidade está compulsoriamente se tornando problema.

5 - Força latente: as Academias de Medicina dispõem

de uma grande reserva, uma força latente que, se despertada, poderá ser posta a serviço da Nação. Seu quadro é constituído de médicos experientes, competentes e dignos, que garantem contribuições de qualidade.

Diante dessas considerações conclamo todo acadêmico a fim de conjugar esforços para que se encontrem soluções para a saúde do País. Participe do V Conclave da Federação Brasileira das Academias de Medicina a ser realizado em maio de 1994 no Estado de São Paulo e traga sua experiência. A mensagem da Federação, avalizada pelas Academias filiadas, será capaz de sensibilizar aqueles que dispõem do poder de decisão, como também a própria comunidade a cerrar fileiras para alcançar esse objetivo. A mobilização de forças mostrará que somos parte da solução do problema de saúde do Brasil, assim a Nação será forte!

* Irany Novah Moraes foi eleito presidente da Federação Brasileira das Academias de Medicina (FBAM). É autor do livro *Erro Médico*, lançado há pouco mais de um ano.

Coluna do livro

João Bosco Assis De Luca editou uma monografia sobre o maestro Luigi Chialfarelli dedicando-a ao doutor José da Veiga Oliveira, decano da crítica musical paulista. A obra é excelente sob vários aspectos, entre os quais a parte histórica e a compreensão demonstrada sobre certas características da alma do maestro. O autor da monografia, além de médico, é membro da Sociedade Brasileira de Musicologia e conselheiro do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.

•••
A Editora Lemi publicou o livro *Psicopatias ou Transtornos da Personalidade em Psiquiatria Forense*. A obra foi elaborada por vários colaboradores e coordenada por Tasso Ramos de Carvalho. Equipe mineira, das melhores, discute de forma elevada o difícil capítulo das perturbações mentais, que ficam na fronteira entre a normalidade e a doença mental, caracterizadas pelos distúrbios de conduta. Casuística, esboço literário, comentários, súmula e conclusões são alguns capítulos do livro. A lista bibliográfica é notável. O endereço da Editora: avenida N. Sra. de Fátima, 1.945, Belo Horizonte, MG, CEP 30000.

•••
No dia 18 de maio último, o Museu Histórico da Faculdade de Medicina da USP realizou sessão solene em homenagem a vários mestres da Medicina pátria. Entre outros foram homenageados Adib Domingos Jatene, Duílio Crispim Farina, Ademar Pereira de Barros (1901-1969), Bernardino Tranchesi (1911-1971), Alípio Correa Neto (1897-1988), Antonio Barros de Ulhoa Cintra. Na ocasião, falaram os professores Álvaro Magalhães, Carlos da Silva Lacaz e Duílio Crispim Farina.

•••
No início do mês de maio, o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, sob a presidência do médico Lycurgo de Castro Santos Filho, realizou sessão especial, na qual foi proferida a palestra "A Província de São Paulo e a Revolução Liberal de 1892", pelo professor Roberto Machado Carvalho, que é o atual presidente da Academia Cristã de Letras e fez realizar, nesta Academia, nesse mesmo mês de maio, várias palestras sobre o palpitante tema "Violência Urbana".

•••
No dia 8 de junho último, foi lançado o livro *Esclerose Múltipla - Manual para pacientes e familiares*. O livro foi doado pelo seu orientador, doutor Roberto Melaragno Filho e demais colaboradores, à Associação Brasileira de Esclerose Múltipla. G.A.P.

Médicos pintores e escultores

Entrem em contato com o Departamento Cultural da APM.

Tel.: (011) 37-4581, ramais 29, 30 e 31.